

PARQUE LINEAR URBANO PARA A CIDADE DE SANTA CRUZ DO RIO PARDO

LINEAR PARK URBAN TO THE CITY OF SANTA CRUZ DO RIO PARDO

¹SANTOS, Geovana Soares

Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

Este trabalho tem por função desenvolver um projeto de um parque linear urbano, na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, enquanto espaço de lazer, de esporte e de contemplação às margens do Rio Pardo. Para isso, partiu-se do trabalho de dois arquitetos que servem como referência projetual e inspiração, o japonês Tadao Ando e o brasileiro Yuri Vital, para o desenvolvimento do mesmo visando atender as atuais demandas ambientais e preservação das características locais. Sendo possível fazer uma análise de dois estudos de caso referentes a dois parques existentes em duas cidades como, Bauru em relação ao Parque Vitória Régia e Presidente Prudente com o Parque do Povo. Percebendo os problemas enfrentados nesses locais que muitas vezes não recebem a devida atenção e manutenção enquanto espaço público, buscou-se com isso, atender a necessidade de parque linear para a cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, para convidar as pessoas para um reencontro com espaços verdes, bem como a riqueza hidrográfica oferecida pelo rio, assim como atender as atuais demandas da população, de maneira democrática, ao proporcionar um ambiente de boa qualidade, o que promove a contemplação da natureza, além de ser um lugar para encontro de todas as tribos urbanas e para um convívio sociocultural de respeito e igualdade ao próximo.

Palavras-chave: Parque Linear Urbano. Referências Projetuais. Espaços Verdes.

ABSTRACT

This work was due to develop a project of urban linear park in the city of Santa Cruz do Rio Pardo, while leisure space, sport and contemplation on the banks of the Rio Pardo. For this, it started with the work of two architects who serve as projetual reference and inspiration, the Japanese Tadao Ando and the Brazilian Yuri Vital for its development to meet the current environmental demands and preservation of local characteristics. It is possible to make an analysis of two case studies on the two existing parks in two city as Bauru in relation to Royal Victoria Park and Presidente Prudente with the People's Park. Realizing the problems faced by these sites often do not receive proper care and maintenance as public space, he sought it, meet the need for linear park to the city of Santa Cruz do Rio Pardo, to invite people to a reunion with green spaces and the river wealth offered by the river, as well as meet the current demands of the population, in a democratic manner, to provide a good quality environment, which promotes the contemplation of nature, besides being a place to meet all urban tribes and a socio-cultural coexistence of respect and equality to others.

Keywords: Urban Linear Park. References Projective . Green Spaces.

INTRODUÇÃO

A cidade convive diariamente com o rio, porém não lembra que ele está lá. Uma riqueza cada vez mais rara no mundo, desprezada e ignorada pela maioria dos cidadãos. O Rio Pardo poderia ser melhor utilizado e assim fazer grande diferença na qualidade de vida das pessoas.

Envolvidos com os problemas que surgem no dia-a-dia, muitos não conseguem parar para coisas simples como olhar para si, para o outro e, muito

menos, para a natureza que o cerca, abundante no caso de Santa Cruz do Rio Pardo.

O rio está ali, cheio de vida, desde antes de nós e continuará lá depois que partirmos emoldurando a cidade, convidando para uma vida mais feliz.

Este trabalho pretende desenvolver um parque linear urbano para a cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, às margens do Rio Pardo, em que a região, já possui uma escola do SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, prédio no qual nos anos de 1970 funcionava uma antiga fábrica de Óleo.

Há nesta região grande potencial para o lazer da população. O acesso para o parque poderá ser feito tanto pelo centro urbano como pela rodovia Ipaussu / Bauru pois, o referido local começa às margens da rodovia e se estende até às margens do Rio Pardo.

A ideia de um Parque Urbano Linear surgiu há vários anos, a partir da observação de que as pessoas, em especial jovens, têm pouca ou nenhuma opção de lazer em nossa cidade, restando-lhes ficar sentados nas calçadas das ruas e avenidas, bebendo, e até mesmo fazendo churrasco.

A conclusão a que se chega é que não existe, nesta cidade, um local público de qualidade onde as pessoas possam interagir, trocar conhecimentos e cultura, ou seja, um local onde todas as “tribos” possam se encontrar.

Com tal objetivo, pretendeu-se descrever todo processo para desenvolvimento deste trabalho, de Iniciação Científica, por meio de fotos, buscas bibliográficas, pesquisas de campo, questionários feitos com os prospectivos usuários para saber o que pensam sobre essa possibilidade, bem como sua opinião do que seria mais funcional e adequado, no quesito, esportes e lazer para a satisfação dos usuários. Esta seria uma forma de envolvê-los no trabalho de modo que se sentiriam responsáveis pelo local ajudando a preservá-lo.

Certamente haveria melhor qualidade de vida para todas as pessoas ao redescobrirem e valorizarem o Rio Pardo. O rio passaria a fazer parte de suas vidas e não do fundo dos quintais de alguns para despejo de lixo e esgoto.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho apresenta os aspectos gerais, conceituais e históricos referentes aos parques em diferentes sociedades e no Brasil, bem como o parque linear urbano.

Aborda referências projetuais que serviram de inspiração para o desenvolvimento do projeto, por meio do trabalho do japonês Tadao Ando e do brasileiro Yuri Vital.

Faz um estudo de caso em relação a dois parques, sendo o Parque Vitória Régia, localizado na cidade de Bauru e o Parque do Povo, na cidade de Presidente Prudente, ambos no interior do estado de São Paulo.

Apresenta a área de intervenção para elaboração do parque linear, localizado na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, assim como as características geográficas e históricas da cidade.

Discorre sobre o projeto a ser desenvolvido em torno desse espaço para elaboração de um parque linear próximo ao Rio Pardo e a preocupação em preservar o meio ambiente e promover a qualidade de vida das pessoas ao proporcionar um espaço democrático e de lazer a população em geral.

Encerra apresentando as considerações finais em torno da temática da elaboração de um espaço democrático que envolve o parque linear e sua importância para a cidade e para os atores sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Neto (2005), a palavra parque tem sua origem no latim *parricum* e no francês *parc*, ambas as origens indicam as diferenças de dimensões, formas de tratamento, funções e equipamentos existente no espaço.

Segundo Macedo (2003), o parque pode ser considerado um espaço livre e aberto a todas as pessoas, destinado ao lazer de massa urbana e estruturado por vegetação.

Para Carneiro e Mesquita (2000), os parques são espaços públicos livres que possuem uma função predominante de recreação, ocupando na malha urbana uma área em grau de equivalência superior à da quadra típica urbana, geralmente, apresentando componentes da paisagem natural como, por exemplo, a vegetação, a topografia e o elemento aquático, bem como também as construções voltadas as atividades recreativas, culturais e/ou administrativas de cada localidade.

É possível entender que o parque é um espaço público livre que é estruturado através de uma vegetação e dedicado ao lazer da população urbana de uma determinada região (MACEDO; SAKATA, 2002).

Mas Scocuglia (2009), explica que existe uma certa dificuldade em relação a conceituação de parques, por conta da variedade de parques existentes, dimensões, formas, tratamentos paisagísticos, funções e equipamentos, o que acaba muitas vezes dificultando uma conceituação para definição desses espaços de forma genérica.

De acordo com a Secretaria do Meio Ambiente, do governo do estado de São Paulo os parques sendo constituídos como unidades de conservação, terrestres e/ou aquáticas, geralmente com grande extensão territorial, com destino à proteção de áreas representativas de ecossistemas, podendo vir a ser também áreas que possuem características naturais ou paisagísticas de destaque, sítios geológicos de grande interesse científico, educacional, recreativo ou turístico, cuja finalidade é resguardar atributos excepcionais da natureza, devendo conciliar a proteção integral da flora, da fauna e das belezas naturais com a utilização para objetivos científicos, educacionais e recreativos. Desta maneira, é possível compreender que os parques são áreas com destinos para fins de conservação, pesquisa e turismo, podendo ser criados no âmbito federal, estadual ou municipal, em terras de seu domínio, ou que devem ser desapropriadas para essa finalidade (SÃO PAULO, 2016).

A origem dos parques parte de dois pontos primordiais e principais, sendo eles, a urbanização e a industrialização dos países. O Processo de urbanização ocorreu em seu princípio na Europa e nos Estados Unidos, essa manifestação aconteceu com o surgimento das grandes cidades e das metrópoles, baseado primeiramente na industrialização e depois no êxodo rural. A expressão “urbanização” tecnicamente tende a explicar o fenômeno pelo qual a população urbana cresceu em proporção superior à população da zona rural (MACEDO, 2003).

Na antiguidade clássica, as cidades gregas e romanas eram rodeadas em seus palácios por jardins ornamentais de inspiração de origem persa e egípcia, com uma grande presença da água, que também tinha por função, apaziguar a temperatura local. Até então essas áreas eram particulares e restritas a corte, no entanto, foi na Grécia que teve início os espaços livres que se tornaram públicos e

abertos para toda comunidade do ponto de vista da acessibilidade (TOLEDO; SANTOS, 2012).

Segundo Del Picchia (2009), os jardins romanos só foram ser conhecidos por meio da descoberta, em 1748, da cidade de Pompeia, que havia sido soterrada pela erupção do Vesúvio e pelas descrições de Plínio, o jovem, dos jardins de suas vilas. É possível compreender que os jardins de Pompeia são jardins urbanos, sendo que eles possuem pátios descobertos cercados por colunas, o peristilo, no interior das residências. Se na Grécia esses pátios eram pavimentados, ao contrário em Pompeia, eles eram em terra, o que se supõe que haviam plantas no ambiente, sendo que em muitos peristilos existiam muitas bacias de água e pequenas estátuas que tinham por utilidade servir de condutores para as plantas, provavelmente.

Durante o contexto político da Idade Média, as cidades eram protegidas por muralhas e não existia lugar para os parques e jardins, exceto aquelas voltadas para o plantio e cultivo de hortas. Historicamente, é fato que com a crise do Império Romano e o processo de imigração de outros povos para dentro do império e essa conjuntura provocou a estagnação em relação à expressão artística e somente no final desse período é que foi possível encontrar registros da volta paulatina dos espaços verdes nas cidades limitados a pequenos bosques. Reestruturar uma cidade dentro de novos modelos urbanos não era algo simples a ser executado até porque não havia uma grande motivação ou mesmo uma base política e econômica que atendessem ao contexto do período (SEGAWA, 1996).

Influenciados pela Antiguidade Clássica Greco-romana, os jardins no Renascimento surgiram com novas perspectivas arquitetônicas, com traçados geométricos e grandes feitos artísticos. A arquitetura foi incorporada à jardinagem dando a eles um conceito mais amplo e compreendendo-os como parte integrante do edifício que divide a mesma criatividade que se buscava para a casa onde ambos seriam uma unidade reconhecível pelo olhar das pessoas (DEL PICCHIA, 2009).

O país que mais influenciou o surgimento da maioria dos jardins europeus foi a França, por meio das áreas verdes como os parques. No final dessa época, houve um aumento do gosto pelas áreas verdes e pela arte que pode ser exemplificada nos jardins do palácio de Versalhes, projetado por Andre Le Nôtre,

que foi o grande paisagista do período barroco francês e que tinha obtido fama pelo próprio projeto dos jardins de Versalhes (DEL PICCHIA, 2009).

Segundo Scocuglia (2009), esclarece que os parques, definidos como locais públicos, têm a sua história marcada por meio de experiências inglesas, francesas e estadunidenses. Com isso, os primeiros parques urbanos surgiram conjuntamente com formação das cidades em fins do século XVIII, sendo o seu auge nas décadas de 1850 e 1860, na Europa e nos Estados Unidos.

Após a segunda metade do século XVIII, houve um maior interesse pelos espaços livres públicos, provavelmente por conta do crescimento das cidades provocado pela Revolução Industrial e pela ausência de planejamento desde esse período. Nesse aspecto, o parque surgiu no final do século XVIII, na Inglaterra, incorporando o modelo estrutural urbano dos jardins da corte, após um longo processo de influência francesa em relação aos jardins ingleses (KLIASS, 1993).

Em pleno o início do século XIX, Teixeira (2007), expõe o antagonismo paisagístico que havia, pois a feiura urbana que era resultado da Revolução Industrial em oposição à beleza das paisagens naturais, a qual passou a ser divulgada e cultuada, contribuiu para o interesse e desejo pela melhoria da paisagem nos espaços urbanos das cidades. Então, a saída encontrada foi a implantação de parques que passou a ser considerada como uma maneira mais saudável para recuperar a saúde das pessoas que eram controladas pelo relógio das fábricas e pelas linhas de produção em massa.

Com a modernização do espaço urbano no século XIX, houve a modificação de hábitos sociais em importantes cidades europeias, ocorrendo sua repercussão em âmbito internacional (BRESCIANI, 1991).

Mesmo com todo esse processo de mudança nos espaços urbanos em diversos países, contudo, isso não foi suficiente para impulsionar o Brasil por tais mudanças comportamentais. Nesse momento, o país ainda não possuía uma rede urbana de grande expressividade o sistema de parques funcionava como uma extensão do cenário das elites que apenas reproduziam os modelos internacionais estruturados na burguesia inglesa e francesa (SCOCUGLIA, 2009).

De acordo com Macedo e Sakata (2002), em relação ao século XXI, levando em consideração essa primeira metade, há de se levar em conta que os parques urbanos abarcarão com a liberdade de criação nos seus desenhos, assim como nas propostas de suas funções e adequações tendo como elemento limitador os

campos da educação ambiental e da política urbana. Com isso, o público a ser atendido acaba sendo diferenciado, já que se encontra em um outro período e em um outro contexto social, político, cultural e econômico, pois esse novo corpo social possui menos referências culturais, mora em subúrbios densamente construídos, às vezes, muito pobres, não tem acesso a clubes, e o espaço público, tais como, a rua, a praça, praia ou o parque, é o único local onde essas pessoas podem desenvolver atividades ao ar livre.

Segundo Toledo e Santos (2012), o Brasil começou a demonstrar interesse por áreas verdes, em especial pelos parques, em meados do século XVIII, provavelmente por influência da Europa e com objetivos voltados para a preservação e para manutenção das potencialidades econômicas da natureza envoltas na organização de jardins e passeios públicos aos interesses da coroa lusitana na época. Todavia, no século XIX, ainda como herança dos países europeus que já praticavam a arte do paisagismo, existiu um grande aumento no processo de criação desses espaços. Havendo cada vez mais a necessidade de botânicos e paisagistas para atender a essa nova demanda de mercado que necessitava de profissionais adequados para desenvolver tais projetos.

Ainda há no município de Recife esboços dos projetos dos jardins dos palácios de Friburgo e Bellevue, demonstrando por meio das evidências, a presença dos holandeses no Brasil, sendo a primeira amostra de paisagismo que se tem registro na história. Contudo, foi destruída com a expulsão dos mesmos (CAVALHEIRO, 1982).

Com a entrada do século XIX, o Brasil foi marcado por uma organização em sua estrutura, principalmente a partir da vinda da família real lusitana em 1808. Nesse período, afirma-se, que tal reestruturação refletiu nas velhas e pequenas cidades que foram reorganizadas para desempenhar novas e sofisticadas funções administrativas; uma dessas cidades é a antiga capital, o Rio de Janeiro, que incorporava tais funções, se tornando rica em recursos e investimentos. Todavia, os parques construídos em pequeno número, eram localizados em algumas das grandes cidades e restritos às regiões centrais e bairros de elite. Essa tendência pode ser verificada também na arquitetura, na música e no teatro (MACEDO, 2003)

Por causa da vinda da Família Real Lusitana, houve no Brasil a implantação dos projetos de melhoria urbana, tais como, a organização de jardins e passeios públicos atendendo as demandas da coroa, no que se refere à economia da

natureza brasileira bem como a preocupação de incentivar o conhecimento sobre as possibilidades econômicas da flora local e exótica. Porém, foi só em meados do século XIX que houve a preocupação em retomar as questões sobre os espaços livres e as áreas de nascentes foram reflorestadas surgindo em uma dessas a Floresta da Tijuca. Essas ações eram administradas e provavelmente podem ser consideradas como a primeira organização oficial a ter um espaço livre público na sua agenda, assim, atendendo as demandas sociais (SEGAWA, 1996).

Figura 1. Floresta da Tijuca



Fonte: <http://www.icmbio.gov.br/parnatijuca/guia-do-visitante.html>.

De acordo com Macedo (2003), nessa época, são construídos no Rio de Janeiro, os três primeiros parques públicos, sendo eles, Campo de Santana, que foi projetado em 1873, durante o Segundo Império. Essa construção seguia o padrão anglo-francês largamente utilizado nos parques e jardins modernos da capital francesa, Paris. O segundo espaço foi o Passeio Público, que foi criado no ano de 1783, sendo oficialmente considerado o parque urbano mais antigo do Brasil e possuía um traçado extremamente geométrico com inspiração em jardins clássicos de origem francesa e, por último, o Jardim Botânico que possui uma mistura de traçado romântico com forte presença de eixos clássico.

Figura 2. Campo de Santana



Fonte: <<http://www.oriodejaneiro.com/campo-de-santana/>>.

Figura 3. Campo de Santana



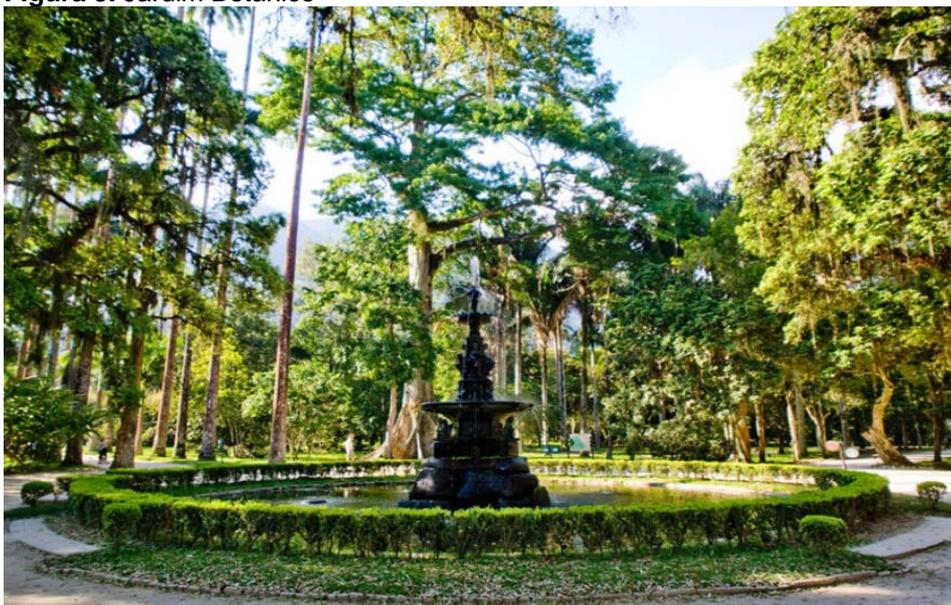
Fonte: <<http://www.oriodejaneiro.com/campo-de-santana/>>.

Figura 4. Passeio Público



Fonte: <www.passeiopublico.com/>.

Figura 5. Jardim Botânico



Fonte: <<http://viajeaqui.abril.com.br/estabelecimentos/br-rj-rio-de-janeiro-atracao-jardim-botanico>>.

Conforme Cavalheiro (1982), na cidade de São Paulo, com exceção da Estação da Luz, não existiu interesse pela administração na elaboração de espaços de parque urbanos, mas somente depois de 1870 é que vieram a surgir os espaços públicos livres. Até mesmo por conta desse aspecto, é que muitos parques foram criados pela iniciativa privada como, por exemplo, o Parque Trianon, atual Siqueira Campos, que foi inaugurado no ano de 1892 e projetado pelo paisagista francês Paul Villon. Naquele momento, o parque surgiu no contexto do processo de urbanização da cidade de São Paulo e ficou sob o poder da iniciativa privada até 1924 quando se resolveu doá-lo à prefeitura.

Figura 6. Parque Trianon



Fonte: <http://www.areasverdesdascidades.com.br/2013/10/parque-tenente-siqueira-campos-trianon.html>

Em meados dos anos de 1930, Roberto Burle Marx, acrescentou o verde com diferentes formas e texturas na paisagem das cidades, usando de forma harmônica plantas nativas, tropicais e brasileiras. Ele explorava positivamente a biodiversidade do país e isso pode ser destacado por meio das ações promovidas por ele, tendo destaque as suas ações pelas interferências positivas na paisagem urbana do Rio de Janeiro (KLIASS, 1993).

Foi durante os anos 70 e 80, que houve um aumento do número de parques nos centros urbanos e em cidades como Rio de Janeiro e Brasília, onde novos parques foram construídos e solidificados. O exemplo mais significativo nesse momento a cidade de Brasília, que foi construída em 1950 e inaugurada em 1961, foi idealizada como cidade parque, onde todos os edifícios foram projetados para serem envolvidos por extensos gramados e arvoredos, proporcionando aos seus moradores o prazer do dia-a-dia, ao menos visual, de espaços cenicamente tratados como um parque (MACEDO, 2003).

Diante dessas questões, Toledo e Santos (2012), esclarecem que:

Os equipamentos específicos para o lazer se tornam comuns, primeiro os playgrounds e quadras esportivas, depois as piscinas (principalmente nos prédios de classe média e residenciais de classe média-alta). Nesse sentido, observa-se uma verdadeira privatização dos espaços livres, que passam a ser atrativos de condomínios fechados, vendidos como “oasis” de conforto, segurança e tranquilidade, fazendo com que as elites não dividam mais os espaços públicos com os menos favorecidos. Nos bairros mais pobres, os parques já não são mais redutos das elites, que esporadicamente e em locais pré-determinados a eles se dirigem, sendo solicitada sua instalação e gestão nos bairros e subúrbios populares distantes, carentes de qualquer estrutura espacial mínima de lazer. A gama de fatores benéficos relacionada ao meio ambiente urbano é extensa e sujeita a acréscimos constantes, visto que as cidades se tornaram cada vez menos atrativas em termos de qualidade ambiental e de vida, já que aumentaram os problemas ambientais como a poluição atmosférica, erosões, chuvas ácidas, enchentes e tantos outros que, além de tudo, rondam a situação psicológica da população, como se observa ultimamente, e muitas vezes de perto, no Brasil. Amenizar as tensões do cotidiano, proporcionar liberdade e inspirar saúde são alguns propósitos dos parques há muito tempo. Vale lembrar os argumentos higienistas do século XIX, que foram muito utilizados pelos autores e estudiosos do segmento como uma resolução para os problemas sociais, dentre eles a saúde precária do ambiente urbano (TOLEDO; SANTOS, 2012).

Para Scocuglia (2009), o parque do século XXI tende a buscar recriar as condições naturais dentro da paisagem urbana, modificando estes espaços em locais de sociabilidade e contato com a natureza e o que ela tende a oferecer.

De acordo com Bonduki e Ferreira (2006), a característica principal de um parque linear é a sua intervenção urbanística ligada fortemente a rede hídrica, em fundo de vale, especificamente em planície aluvial e apresentando objetivos como, a proteção ou recuperação de ecossistemas nos cursos d'água; a conexão de espaços verdes e livre de forma geral, bem como a promoção de áreas verdes voltadas ao lazer das pessoas.

Para Martins (2015), os parques lineares podem intervir no aumento da área de várzea dos rios, por meio do aumento de zonas de inundação e da diminuição da vazão da água e também para se esquivar da ocupação irregular promovida pelo ser humano em lugares que são protegidos por legislação ambiental. Nesse aspecto, ocorre que existem muitos interesses envolvidos na criação de um parque linear.

São diversas as contribuições de um parque linear, pois vai desde:

[...] melhoria do microclima urbano, em termos de qualidade do ar, balanço da umidade e captura de poeira e gases. Podem também constituir zonas de tampão, com potencial para melhorar o ambiente urbano em áreas industriais ou altamente urbanizadas e servir como zona de atividades recreativas e culturais, ainda com foco na conservação e preservação da natureza. Sua implantação, entretanto, pode enfrentar alguns desafios, como a necessidade de fazer desapropriações e realocações, que podem encarecer seu custo. Além disso, por se tratar de um equipamento público de lazer, ele depende de serviços de gestão e manutenção periódica para garantir seu pleno e seguro funcionamento, sendo também de extrema importância a aceitação e o envolvimento da população para que se evitem depredações. Outros aspectos de projeto como acessibilidade, segurança e iluminação devem ser considerados. Apesar dos projetos de parques lineares serem baseados em características socioambientais específicas das áreas em que serão implantados, é possível destacar alguns de seus elementos que são frequentes, como: rede de drenagem; reservatório de controle de cheias; canaletas para drenagem das águas pluviais; dissipadores de energia para altas declividades; canalização; valas gramadas; acesso para as ruas de ligação; caminho para pedestres; ciclovias; pontes de acesso e travessia; quadras poliesportivas; bancos; arborização paisagística e iluminação pública (MARTINS, 2015, p. 4 - 5)

Para o trabalho em questão, as referências projetuais partem do trabalho de dois arquitetos de nacionalidades bem distintas, sendo um de origem japonesa, que é o Tadao Ando e outro de origem brasileira, Yuri Vital.

Se utiliza das ideias de Tadao Ando, nos aspectos relacionados a liberdade, a valorização das peculiaridades de cada local, ou seja, tendo grande relevância a história da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo que está localizada no interior do estado de São Paulo. Levando em consideração as condições atmosféricas e

climáticas, respeitando a flora e a fauna local. Bem como a inserção do homem no espaço natural, sua relação com a natureza e o respeito ao meio ambiente.

A liberdade de projetar de Tadao Ando, que nota-se no seu desprendimento de ao criar prédios ora em forma de paralelepípedo, ora em forma de círculo, ora em concreto aparente, ora fibras naturais, associadas às ideias de conforto ambiental tirando partido da orientação dos ventos e da iluminação natural. Ainda é de muito importante destacar a sua atenção especial aos que irão habitar cada espaço por ele projetado, suas obras remetem à reflexão sobre a vida, a natureza e onde cada sujeito se encaixa dentro de cada contexto social.

Em relação ao trabalho de Yuri Vital, ao se pensar na função do parque e sua contribuição enquanto espaço de lazer e melhoria da qualidade de vida das pessoas que dele possam usufruir no cotidiano. Além do uso de materiais de baixa manutenção, o que reduz os gastos e despesas em relação ao mesmo, sendo que a preocupação é que a construção seja feita para durar por muito tempo. Sendo possível pensar nas questões referentes à beleza e leveza de seus edifícios projetados em formas simples, porém elegantes. Assim, é essencial se pensar em uma forma de unir o olhar de ambos os arquitetos em um espaço em que a natureza se faz tão presente junto ao Rio Pardo, como é o caso do projeto do parque linear urbano para a referida cidade.

A partir desse panorama em que se buscou apresentar as características principais de cada arquiteto para que se possa utilizar como referência no desenvolvimento do projeto do parque linear urbano para a cidade de Santa Cruz do Rio Pardo.

Para elaboração de um bom plano de necessidades para o projeto do Parque Linear Urbano para a cidade de Santa Cruz do Rio Pardo - SP, foram feitos dois estudos de caso, um no Parque Vitoria Régia de Bauru - SP e o outro no Parque do Povo em Presidente Prudente - SP, com as informações adquiridas nestes espaços é possível apresentar uma visão mais completa do cotidiano de uma cidade que possui um parque do porte a que se propõe este projeto, compreender e melhor avaliar as necessidades das pessoas que o usufruirão.

A primeira pesquisa ocorreu no Parque Vitória Régia localizado na Avenida das Nações, Bauru - SP, projetado pelo arquiteto Jurandir Bueno Filho, conhecido e renomado arquiteto da cidade de Bauru e região, bem como todo Estado de São Paulo.

O Parque Vitória Régia possui 50.000m² e uma concha acústica a qual atua como palco e anfiteatro com capacidade de 2000 pessoas, pista de caminhada, recreação em espaço de areia onde foram instalados brinquedos de madeira como balanço, gangorra, gira-gira, dentre outros.

A pesquisa foi realizada no dia 13 de maio de 2016. Nota-se pouco acesso para cadeirantes e, os que existem, conduzem a calçadas irregulares o que torna muitos lugares do parque de difícil acesso para sujeitos com necessidade especiais.

Os vários caminhos e calçadas que circundam o local conduzem ao centro onde fica o palco em formato de concha acústica que consiste em uma base circular de concreto que parece flutuar em um espelho d'água, muitos destes caminhos estão irregulares dificultando caminhadas e acesso de especiais e pessoas idosas.

Figura 08. Acessos.



Fonte: Acervo pessoal.

A concha acústica trata-se de belíssima arquitetura, porém, em mal estado de conservação, como pode ser observado na imagem a seguir:

Figura 09. Concha Acústica



Fonte: Acervo pessoal

As arquibancadas que se dispõem em frente ao palco, segundo algumas pessoas, à noite se torna lugar para uso de drogas e para encontros íntimos de casais.

O parque possui ainda um espaço reservado para apresentações artísticas e manifestações populares no gramado.

Conclui-se que o Parque Vitoria Regia na cidade de Bauru - SP, apesar de possuir uma bela arquitetura e estar em local privilegiado, com o passar dos anos, não teve a devida manutenção e nem acompanhou as normas atuais de acessibilidade, conforto e funcionalidade, o que pode ser claramente notado em seus sanitários destruídos e inutilizados por vândalos, sua falta de iluminação a noite.

O segundo local visitado foi o Parque do Povo de Presidente Prudente – SP, o local onde antes fora um problema para a cidade tornou-se um dos principais atrativos para população local e visitantes.

Estima-se que Presidente Prudente possui cerca de 300.000 habitantes, e o atual prefeito é o Sr. Milton Carlos de Melo.

Figura 10. Localização Parque do Povo

Fonte: http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/unidades/sempep_centros.xhtml

O Parque do Povo ficou abandonado por anos, até que se retomaram a sua revitalização pedindo sugestões de melhorias para a própria população no ano de 2001 a 2004.

Em entrevista com o Engenheiro Civil Sr. Laercio Alcantara, e o Engenheiro Civil Sr. Luiz Abel Gomes Brondi, do setor de planejamento da prefeitura Municipal de Presidente Prudente - SP, viemos a conhecer o fato de que foram necessários muitos anos a partir de então, para se chegar ao resultado em que se encontra agora, e a obra ainda não está exatamente acabada, pois tais locais acompanham a evolução e a maneira de viver das pessoas que utilizarão estes espaços bem como as muitas leis que regem os municípios.

Figura 11. Monumento.

Fonte: www.google.com.br.

O Parque é encantador e pode-se notar que faz jus ao nome, pois, é todo criado para o povo, ele faz parte do cotidiano das pessoas, seja passando por ali, fazendo caminhadas, praticando esportes ou somente contemplando o parque. Local é limpo e bem cuidado, grama aparada, vias táteis, acessibilidade para cadeirantes, os bolsões de estacionamentos são poucos, pois o parque está no centro da cidade e o incentivo é para a não utilização de automóveis porém, com piso ecológico permeável.

Figura 12. Vias táteis.



Fonte: Acervo pessoal.

O parque possui em sua extensão, museu, cinco lanchonetes, playgrounds, academias ao ar livre, quadra poliesportiva coberta, espaço cultural, ciclovia, pista de caminhada, pista de skate, escolinha de futebol, um centro olímpico, com escola de natação para crianças de cinco a quatorze anos, quatro quadras de futebol society com grama sintética, campo de areia, anfiteatro para capacidade de umas 200 pessoas sentadas, tudo absolutamente gratuito e de boa qualidade.

Não existem sanitários públicos no local, devido a constantes vandalismos e uso do local para consumo de drogas ilícitas e prática de roubos no seu interior, foram demolidos, e os usuários podem usar os sanitários das lanchonetes, quiosques, restaurantes do entorno. Ponto de relevância também, a existência de dois postos de policiais no local, garantindo a segurança dos usuários, a iluminação é adequada, bem como as vias de acessos foram adequadas as normas da NBR 9050, existem vários bancos feitos de granito com madeira, bebedouros disponibilizados ao lado dos locais das academias ao ar livre.

Diante dos estudos de caso apresentados acima, pode-se ter uma visão mais clara dos questionamentos, das necessidades e relevâncias que se devem

levar em conta ao criar um espaço público e desta forma, elaborar com mais propriedade um projeto para o parque de Santa Cruz do Rio Pardo.

Figura 13. Local do Projeto.



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 14. Local da Intervenção



Fonte : Acervo pessoal

Figura 15. Local da Intervenção



Fonte: Acervo pessoal.

CONCLUSÃO

Por meio do desenvolvimento de um projeto de um parque linear para a cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, foi possível perceber a amplitude de questões e aspectos a serem analisados para a execução do mesmo e também das possíveis

dificuldades que o futuro profissional da área da Arquitetura e Urbanismo tende a se deparar durante a execução de um espaço que venha a privilegiar a natureza, o lazer e a qualidade de vida para atender as atuais demandas sociais e as exigências de locais que sejam ambientes que acolham a todos.

Torna-se possível perceber a importância e contribuição futura de um parque linear urbano para a cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, bem como a valorização, a conscientização e a educação ambiental como espaço de lazer que acolhe a todos os sujeitos e um espaço para as futuras gerações, reconhecendo a importância contribuição do Rio Pardo para a cidade e região.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. **A caixa que provoca**: um pouco de Tadao Ando e seus projetos que encantam. 2011. Disponível em: <<http://portalarquitetonico.com.br/a-caixa-que-provoca/>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

BONDUKI, N.; FERREIRA, J. S. W. **Projeto**: pesquisa e análise de aplicação de instrumentos em planejamento urbano ambiental no município de São Paulo: produto 4: relatório 2: instrumentos legais necessários à implantação de parques lineares. 2006. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/deprojeto/labhab/biblioteca/produtos/pesquisa_analise_instrumentos-parqueslineares.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2016.

BRESCIANI, M. S. As sete portas da cidade: espaço e debates. **Revista de Estudos Regionais e Urbanos**, São Paulo: NERU, n. 34, p. 10-11, 1991.

CARNEIRO, A. R. S.; MESQUITA, L. B. **Espaços livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

CAVALHEIRO, F. O planejamento de espaços livres: o caso de São Paulo. In: Congresso nacional sobre essências nativas, Campos do Jordão, 1982. **Anais São Paulo**: Silvicultura em São Paulo, 1982. p. 29-38.

DEL PICCHIA, P.C.D. Histórico do ordenamento da paisagem. In: SANTOS, D. G; NUCCI, J. C. (Org.). **Paisagens geográficas**: um tributo a Felisberto Cavaleiro. Campo Mourão: Editora da FECILCAM, 2009. Cap. 2, p. 18-49.

JUNQUEIRA, J.M.F. **Subsídios para a história de uma cidade paulistana**: Santa Cruz do Rio Pardo: memórias. 2. ed., Revisada e Ampliada. São Paulo: Editora Viena, 2006.

KLIASS, R. G. **Parques urbanos de São Paulo**. São Paulo: PINI, 1993.

MACEDO, S. S. **Parques urbanos no Brasil**. Brazilian Urban Parks, 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial da Universidade de São Paulo, 2003.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques urbanos no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. **Unidades de conservação: parque: conceito**. 2016. Disponível em: <<http://fflorestal.sp.gov.br/unidades-de-conservacao/parques-estaduais/parques-conceito/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

SCOCUGLIA, J. B. C. O Parc de La Tête d'Or: patrimônio, referência espacial e lugar de sociabilidade. **Arquitextos**, São Paulo, n. 113, v.3, Vitruvius, out. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10,113/20>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

TOLEDO, F. dos S.; SANTOS, D. G. dos. Espaço livre de construção: um passeio pelos parques urbanos. **Soc. Bras. de Arborização Urbana**, REVSBAU, Piracicaba, v. 7, n. 2, p. 10-23, 2012.